

**A TRINDADE,
AS ESCRITURAS
E A FUNÇÃO DO
TEÓLOGO**

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
TEOLOGIA EVANGÉLICA

KEVIN J. VANHOOZER

Sumário

<i>Apresentação</i>	7
1. O Deus trino e uno do evangelho	13
2. Sagradas Escrituras	41
3. Para que servem os teólogos?	87
<i>Sobre os Autores</i>	123

Apresentação

Qual é a importância da doutrina de Deus para a adoração e para o cotidiano da igreja? Qual tem sido o modelo de teísmo na tradição do cristianismo? Será que há espaço para reavaliar de que forma temos refletido a respeito de Deus? Será que as Escrituras Sagradas podem nos ajudar nessa questão? Qual é a importância delas para nossa formulação doutrinária? Quão envolvido Deus esteve no processo de produção das Escrituras? Diante de temas tão importantes como esses, como os teólogos, que se dedicam a refletir sobre Deus com base em sua Palavra, podem ser úteis para a igreja? Para que servem os teólogos, afinal?

O dr. Kevin J. Vanhoozer apresenta uma análise dessas questões, utilizando nos dois primeiros artigos uma abordagem trinitária. Embora publicados separadamente, os três artigos aqui reunidos mostram que o Deus trino e uno, que se revela e age em três pessoas, deve ser o paradigma para pensarmos a respeito de Deus, das Escrituras e da função pastoral-teológica.

Teólogo de grande prestígio e especialista em hermenêutica, teologia sistemática e filosofia da linguagem, Vanhoozer foi um dos palestrantes do 10.º Congresso Brasileiro de

Teologia Vida Nova, realizado em 2016 por Edições Vida Nova em cuja ocasião lançamos este livrete. Aproveitando o ensejo de sua visita ao Brasil, a editora decidiu publicar este livro rico e valioso em suas contribuições.

* * *

No primeiro capítulo, o autor começa demonstrando a importância de uma compreensão correta sobre Deus para a adoração e o discipulado cristãos. A falta de conhecimento adequado do Deus revelado nas Escrituras gera um culto repleto de anseios idólatras que não agrada o Senhor. Portanto, uma doutrina de Deus correta é o remédio para o mal de adorar o que não é Deus que assola a igreja evangélica. O próprio adjetivo “evangélico” implica a crença no Deus trino e uno que se revela e atua de forma salvadora no evangelho. Deste modo, a questão central está na fonte a partir da qual os cristãos elaboram sua compreensão do ser divino.

Em uma breve análise histórica do desenvolvimento do teísmo, Vanhoozer argumenta que a igreja primitiva e a igreja medieval formularam suas concepções do Senhor por meio da síntese entre as Escrituras e a filosofia grega. Consequentemente, a noção do ser infinitamente perfeito dominou a reflexão teológica durante séculos e a preocupação estava mais em “o que” Deus é — sua existência e atributos — do que em “quem” Deus é — a identidade do Senhor revelada em palavras e ações. Essa concepção passou a ser questionada por filosofias modernas e pós-modernas, bem como por reavaliações dentro do próprio movimento evangélico, culminando na proposta do teísmo aberto: um Deus que se autolimita em poder e em seu conhecimento futuro. Claramente, esse conceito não corresponde ao Deus bíblico; por isso, Vanhoozer propõe uma alternativa que preserve os atributos divinos expressos nas Escrituras.

Com base na redescoberta por Barth da teologia trinitária, o autor argumenta que a concepção trina e una do Deus revelado no evangelho — Pai, Filho e Espírito — deve nortear a reflexão evangélica sobre Deus no lugar das categorias filosóficas gregas ou pós-modernas. A Trindade tem de ser a base, não o apêndice, da teologia propriamente dita. Precisamos conhecer, antes de tudo, o Deus que age e fala nas Escrituras Sagradas, que atua no palco da história e nos chama a desempenhar nossos papéis como atores no grande drama da história da redenção. É o *ser pessoal*, não *um objeto*, que a Bíblia nos convida a conhecer e adorar!

* * *

Como podemos afirmar que as palavras de Moisés, Pedro e Paulo são a Palavra a Deus? De que forma um livro escrito por homens pode ser também considerado de origem divina? Vanhoozer se propõe lidar com essas questões no segundo capítulo e o faz, novamente, de uma perspectiva trinitária. Ele expõe, inicialmente, duas posições distintas sobre a Bíblia. A primeira é a concepção de que Deus é o autor absoluto das Escrituras e de que os autores humanos atuaram apenas como escribas, sem participação efetiva na composição do texto bíblico. A segunda posição é a de que a autoria divina foi fraca e os autores humanos tiveram grande liberdade ao redigir o material, havendo, por isso, passagens nas Escrituras que não são confiáveis nem inspiradas por Deus.

Vanhoozer demonstra que essas duas visões são fruto de doutrinas equivocadas a respeito de Deus: a primeira crê em Deus como o determinador de todas as coisas, não havendo espaço para a agência humana; a segunda limita seu poder e sua atuação, crendo que ele age por meio de estímulos e orientação, sem de fato ter o controle do processo de produção do texto.

Na sequência, há um breve panorama histórico. Uma vez mais, Barth oferece sua contribuição e ajuda a identificar a doutrina das Escrituras Sagradas no campo da doutrina da Trindade, e não da revelação geral, como faz a maioria das teologias sistemáticas. As Escrituras estão relacionadas ao ato revelador de Deus, no qual o Pai, o Filho e o Espírito atuam juntos na economia da revelação. Barth, porém, hesita em aceitar que as Escrituras *são* a Palavra de Deus, vendo-as como um instrumento que pode *tornar-se* a Palavra divina. Com a ajuda de Wolterstorff e da tradição reformada, Vanhoozer mostra que, ao delegar homens para proferir discursos, Deus é o autor desses discursos. Diferentemente das abordagens tradicionais da bibliologia, mas fundamentado nas Escrituras, o autor mostra como a natureza, a função e o propósito da Bíblia estão relacionados com o ato comunicador da Trindade, em que o Pai proclama o Filho no poder do Espírito Santo. Isso porque “deparar com as palavras das Escrituras é deparar com Deus em ação” (Timothy Ward).

* * *

Para que servem os teólogos? Qual é a utilidade deles para a igreja? Nesse capítulo, fruto de uma palestra ministrada em duas instituições de ensino teológico, Vanhoozer trata da função do teólogo por meio de ilustrações e imagens que demonstram a importância do teólogo-pastor para a igreja ao longo da história. Inicialmente, descreve questionamentos de outros autores sobre a razão da existência humana e mostra a necessidade de sabermos viver da melhor forma o pouco tempo que nos resta, o que implica, da perspectiva cristã, dedicar a vida ao ser que é o mais digno da nossa devoção, o próprio Deus. Como pessoas responsáveis por “falar bem de Deus”, os teólogos ajudam os crentes em Cristo a melhor conhecer o Deus que adoram e a dedicarem a vida somente a ele.

Em contextos do movimento evangélico que perderam a visão de Deus e abandonaram as doutrinas principais da fé cristã para seguir, na prática, um “deísmo moralista terapêutico”, em que religião se resume a ser gentil e fazer o bem, a tarefa de lembrar o povo de Deus acerca das doutrinas fundamentais e corretas — céu, inferno, Deus, pecado e salvação — (papel dos teólogos) é fundamental. O autor observa: “Embora a doutrina seja um fortificante que traz benefícios para a saúde, alguns cristãos se recusam a tomar seu remédio, preferindo, em vez disso, empanturrar-se com o *fast-food* delicioso mas de pouco valor nutricional da cultura popular. Em grande parte, é graças ao trabalho médico de pastores-teólogos que a doutrina — o medicamento celeste oferecido por Deus — entra na corrente sanguínea do corpo de Cristo” (p. 118).

Os teólogos são importantes até mesmo nas universidades, pois são eles que apontam os ídolos relacionados ao reducionismo científico: “Quando teólogos falam bem de Deus, lembram cada disciplina acadêmica de sua imperfeição. Os teólogos são mais relevantes do que nunca em uma era que perdeu a sabedoria num mar de conhecimento e o conhecimento num mar de informações” (p. 99).

Ao descrever o papel dos teólogos por meio de metáforas, Vanhoozer destaca uma imagem em especial: o pastor-teólogo como “doutor” ou “médico” da igreja. Primeiramente, com base em Efésios 4.11 e no uso constante do termo *didaskalia* (“doutrina”) nas Epístolas Pastorais, Vanhoozer argumenta que as funções teológica e pastoral devem caminhar juntas, tendo a igreja como sua principal esfera de atuação. Em seguida, desenvolvendo a ideia das Epístolas Pastorais de que a doutrina deve ser “sã” ou “saudável”, o autor mostra de que maneira os “pastores-doutores” devem agir ao receitarem o remédio necessário para a saúde da

igreja, o qual consiste basicamente no evangelho do Deus trino e uno (1Tm 1.11). Portanto, ao estudar e pregar o que “o Pai realizou no Filho por meio do Espírito, ensinando-nos quem somos e quanto Deus nos ama” (o evangelho) (p. 110), e ao diagnosticar doenças debilitantes no corpo de Cristo (ensinamentos falsos) antes que causem grandes estragos, os pastores servem a igreja de Cristo e a ajudam a compreender o drama da salvação, tornando-se uma ilustração viva do reino de Deus. “A igreja local é um espaço específico em que o amor e a verdade de Deus são descobertos, celebrados e demonstrados (encenados em adoração, testemunho e sabedoria)” (p. 120).

* * *

A doutrina correta é fundamental para a igreja, e essa doutrina deve ter seu ponto de partida no Deus trino e uno, que atua na história e nos chama a sermos agentes nela também. As Escrituras são a agência comunicadora da Trindade e servem, junto com a doutrina de Deus, de fundamentação para a elaboração da doutrina cristã. Por fim, os teólogos têm a tarefa de pensar e proclamar o Deus trino e uno que se revelou no evangelho, o remédio fundamental para a edificação da igreja de Cristo.

É com grande satisfação que Edições Vida Nova oferece esses três ensaios de Kevin J. Vanhoozer em um só volume. Nossa oração e nosso desejo é que os ensinamentos e as percepções desta obra sejam usados por Deus para levantar teólogos-pastores que alimentem suas comunidades de fé com as Escrituras Sagradas, o instrumento da autocomunicação do Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e as levem a amar e a adorar em Espírito e em verdade o Deus que é digno de toda a nossa devoção.

1

O Deus trino e uno do evangelho

“Os evangélicos são o povo do evangelho”¹

Um paradoxo inicial: a difícil e tímida doutrina evangélica de Deus

Os evangélicos são o povo da boa-nova. A boa notícia sobre o que Deus fez em Jesus Cristo em favor do mundo pressupõe duas verdades teológicas centrais: 1) Deus agiu (há algo de bom para anunciar); 2) Deus falou (a notícia vem dele, portanto, é totalmente confiável). Não há evangelho, seja em conteúdo cristológico, seja na forma bíblica, independente da fala e do ato de Deus. Portanto, é natural que os evangélicos declarem com entusiasmo o Deus do evangelho, e de certa forma esse entusiasmo é apropriado.

Nesse sentido, um exame rápido da teologia evangélica não encontra nada de excepcional para apresentar: os evangélicos concordam com o consenso ortodoxo da igreja de que Deus existe, revela-se em palavra e ação e é capaz de realizar seus propósitos bondosos. A própria lógica do evangelho — a declaração de que Deus capacita os crentes a se relacionarem com Deus Pai em Jesus Cristo por meio do Espírito — também deixa implícita a divindade do Filho e

¹Douglas Sweeney, *The American Evangelical story* (Grand Rapids: Baker, 2005), p. 17.

do Espírito. Por isso, os evangélicos estão de acordo com a fórmula trinitária produzida pelos pais da igreja em 325 d.C. (o Credo de Niceia), professando a crença em um único Deus: Pai, Filho e Espírito.

No entanto, percebe-se certo mal-estar na teologia evangélica. Embora os evangélicos não tenham se afastado das afirmações ortodoxas, a doutrina de Deus permaneceu negligenciada durante boa parte do século 20, sem esperança alguma de mudança. John Frame observa que “vivemos em uma época em que o conhecimento de Deus é raro”,² e David Wells lamenta a “falta de importância dada a Deus” em muitas igrejas contemporâneas.³ Uma das razões principais para esse mal-estar foi a tendência de analisar a doutrina da Trindade (nas vezes em que *foi* analisada, e não negligenciada) de maneira simplesmente teórica, e não como o conceito prático e distintivo do Deus cristão proclamado no evangelho.

Uma segunda explicação possível é a linha divisória do movimento evangélico ao longo da história decorrente de sua dupla lealdade à mente e ao coração.⁴ Embora seja errado simplesmente identificar a “mente” escolástica com o calvinismo e o “coração” pietista com o arminianismo wesleyano — pois ambas as tradições desejam tanto conhecer quanto amar Deus —, há uma ideia popular de que o primeiro enfatiza

²John Frame, *The doctrine of God* (Phillipsburg: P & R, 2002), p. 1 [edição em português: *A doutrina de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014)].

³David Wells, *God in the wasteland* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), p. 88-117.

⁴Um dos melhores exemplos de teólogo evangélico que mantém o equilíbrio correto entre mente e coração é J. I. Packer, em *Knowing God* (Downers Grove: InterVarsity, 1973) [edição em português: *O conhecimento de Deus*, tradução de Cleide Wolf; Rogério Portela (São Paulo: Mundo Cristão, 1996)].

a soberania divina e o segundo, o amor divino.⁵ Na verdade, todos os evangélicos professam ambos, embora o exato significado desses atributos divinos continue sendo debatido. O desafio supremo para uma doutrina de Deus é saber distinguir e estabelecer, de maneira correta, a relação entre a transcendência ou a “alteridade” de Deus e sua imanência ou “proximidade”. Portanto, em virtude da sua herança mista (e.g., escolástica e pietista), os evangélicos têm de trabalhar com dedicação especial para preservar o equilíbrio sutil entre a verdade da alteridade absoluta de Deus em relação à criação e a verdade evangélica de que ele se relaciona pessoalmente com as criaturas.⁶

O mal-estar na teologia evangélica é mais visível na vida e na adoração cristãs do que nos livros acadêmicos. É mais fácil ser enganado e levado a adorar o que não é Deus quando não há um conhecimento adequado sobre ele. O antigo Israel foi influenciado pelas estruturas de plausibilidade de seus vizinhos e, como consequência, “o culto a Baal começou a parecer natural e normal”.⁷ De modo semelhante, os evangélicos norte-americanos estão sendo influenciados

⁵Teólogos calvinistas ou “reformados” enfatizam a soberania de Deus, em especial no que diz respeito à provisão divina para a salvação: os crentes escolhem Deus porque Deus os escolhe primeiro. Em contraste, teólogos arminianos-wesleyanos sustentam que o motivo de Deus escolher salvar alguns e não salvar outros é porque as pessoas do primeiro grupo livremente escolheram crer. Ambas as tradições reconhecem a necessidade da graça de Deus, embora discordem sobre os pormenores da distribuição dela.

⁶Cf. o comentário de Roger Olson: “se a teologia evangélica em geral tem uma interpretação distintiva sobre a crença cristã tradicional em Deus, é possível que isso se deva a uma ênfase na natureza pessoal dele” (*The Westminster handbook to Evangelical theology* [Louisville: Westminster John Knox, 2004], p. 188).

⁷David Wells, “Introduction: the Word in the world”, in: John H. Armstrong, org., *The compromised church* (Wheaton: Crossway, 1998), p. 23.

A doutrina de Deus tem alguma relevância para a adoração e o cotidiano da igreja? Como a igreja evangélica deve reavaliar o que pensa a respeito de Deus? De que forma as Sagradas Escrituras podem nos ajudar nessa questão? Qual é a importância delas para nossa formulação doutrinária? Diante de temas tão importantes como esses, como os teólogos, que se dedicam a refletir sobre Deus com base no evangelho, podem ser úteis para a igreja?

Kevin Vanhoozer apresenta uma análise dessas questões com uma abordagem trinitária. Propõe que o Deus trino e uno, que se revela e age em três pessoas, deve ser o paradigma para pensarmos a respeito de Deus, das Escrituras e da função pastoral-teológica. O autor coloca a Trindade no centro da discussão teológica, não permitindo que essa preciosa doutrina seja tratada como um tema de pouca importância na formulação doutrinária. É a respeito desse Deus trino e uno que teólogos devem falar bem, ajudando os discípulos a se tornar uma ilustração viva do reino de Deus.

Neste livro, Vanhoozer relembra que a ortodoxia é fundamental para a ortopraxis. Sem doutrinas corretas, jamais teremos práticas corretas e agradáveis ao Senhor.

KEVIN J. VANHOOZER (PhD, University of Cambridge), teólogo evangélico de grande prestígio mundial, é professor pesquisador de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois.